

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

02. CARLOS BESNARD – VIDA DE LUÍS GRIGNION DE MONTFORT

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 02. CARLOS BESNARD – VIDA DE LUÍS GRIGNION DE MONTFORT. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/10>

This Primeira Parte is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

Antologia Espiritana

.....

pazes de se oporem à vocação do filho. Experimentar era lógico, pensaram eles, quanto a perseverar ou não logo se veria. [...] Responderam-lhe que para ser um bom padre não era preciso ir para Paris, nem ser doutorado pela Sorbona, o que era preciso era ter uma boa formação; [...] e que poderia muito bem fazer a sua teologia em Rennes. Tal proposta não agradou a Poullart, porque as suas ideias sobre o estado eclesiástico não eram tão desinteressadas que não ansiasse por mais liberdade, que de modo nenhum conseguiria se continuasse sob o olhar constante dos pais. Ficou decidido que iria para Nantes estudar Direito. Esta decisão ia perfeitamente ao encontro do desejo dos pais e do filho. Permitia-lhe amadurecer a sua vocação; o estudo do Direito era necessário no caso de vir a ser conselheiro e também seria útil para o estado eclesiástico; além disso, o filho desejava ter mais liberdade.

[...] Ter-lhe-ia sido preciso então recordar as grandes verdades que tinha meditado durante o seu retiro, seguir os conselhos de pessoas prudentes, ler livros de piedade, procurar o recolhimento de vez em quando, e deixar de se entregar a uma vida mundana, tal como até ali. [...] Costuma ser desta maneira que a Providência age para conseguir os seus fins. Não nos agrada um certo estado de vida e nem sabemos bem porquê: é uma predisposição para realizarmos os desígnios de Deus. Perturbamo-nos, aborrecemo-nos até que chega o tempo em que reconhecemos que não tínhamos razão para isso porque Deus sabe tirar o bem até duma situação que só víamos como motivo de desagrado.

- 2 -

CARLOS BESNARD – VIDA DE LUÍS GRIGNION DE MONTFORT

Carlos Besnard entrou no Seminário do Espírito Santo pouco depois da morte de Poullart des Places. Besnard fez uma recolha de memórias e recordações ainda muito presentes; a relação entre Poullart e Grignon de Montfort confirmou-o na fidelidade à sua vocação; fez-se monfortino, e chegou a ocupar até o cargo de Superior Geral; embora não seja testemunha ocular de Poullart, é uma testemunha muito próxima pela sua história pessoal e pela do seu instituto. Consagrou-lhe uma parte do livro 5 da sua obra sobre Luís Maria Grignon de Montfort.⁷

^[7] Charles Besnard, *Vie de Louis-Marie Grignon de Montfort*, 1770, Livro 5, vol. I, “*Le Séminaire du Saint-Esprit à Paris*”, pg. 274-284, Centro Internacional Monfortino, Roma, 1981. O texto citado foi reproduzido por Koren, o. c. .

Congregação do Espírito Santo

Cláudio Poullart des Places, fundador do Seminário do Espírito Santo, pertencia a uma família muito antiga de Bretanha, da diocese de Saint Brieuç. Nasceu em Rennes a 27^o de fevereiro de 1679 na paróquia de São Pedro, em São Jorge, e nela foi batizado no mesmo dia do nascimento. A sua mãe consagrou-o à Santíssima Virgem, e em honra dela vestiu-o de branco até à idade de sete anos. Estudou humanidades e filosofia no colégio de Rennes. Foi ali que estabeleceu uma relação estreita com o Sr. de Montfort. Os dois concordaram formar uma associação para honrar de maneira especial a Santíssima Virgem. Reuniam-se em dias determinados, num quarto emprestado por uma pessoa piedosa. [...] Esta associação permaneceu ativa, mesmo depois da saída do Sr. Grignon [sic] para Paris, devido ao zelo e ao esforço do jovem des Places a quem a associação ficara entregue. Foi ele quem a animou e a manteve de pé.

Entretanto, os sonhos da família iam no sentido de Cláudio se mostrar ao mundo. Ele consentiu, talvez até em excesso. A sua paixão dominante era a de sobressair na sociedade. Temos de reconhecer que ele tinha todos os requisitos para se fazer notar. Seu pai resolveu fazer dele conselheiro do Parlamento da Bretanha e a mãe estava tão convencida de que esse ia ser o seu futuro que até lhe tinha comprado a toga de magistrado [...]. Mas Deus iluminou-o com uma luz viva que o levou a dar-se conta de que não era essa a sua vocação. Pediu autorização a seu pai para frequentar a Sorbona e ingressar no estado eclesiástico. Esta opção foi como um raio fulminante para este respeitável cavalheiro, uma vez que o filho era o único que poderia perpetuar o seu nome e suceder-lhe no cargo. Fez tudo o que estava ao seu alcance para o desviar desse projeto; mas Cláudio permaneceu inflexível e os pais não se atreveram a contrariar uma vocação tão evidente.

Transcrevemos agora algumas notas do retiro que ele fez a seguir ao acontecimento acima referido.

¹⁸¹ Besnard erra quanto a esta data; Cláudio Francisco foi batizado a 27 de Fevereiro, mas nasceu a 26.